

Porque Aragorn não matou Gríma?

Leonardo Azevedo Neves



Num domingo desses, zapeando pelos canais da TV por assinatura, me deparei com um dos novíssimos clássicos do cinema: “[O Senhor dos Anéis – As Duas Torres](#)”. O momento na tela era aquele em que Aragorn e toda “sociedade do anel” estavam diante do rei de Rohan para tentar libertá-lo da influência mágica de Saruman.

Passados alguns instantes, estando o rei finalmente liberto, me deparei com a cena que me trouxe para frente deste micro nesta manhã: O rei Théoden expulsa aos pontapés Gríma, seu ardiloso conselheiro, ao saber que ele foi o responsável pelo encanto que obscureceu sua mente e

conduziu seu reino a ruína. No auge de sua fúria, e diante das súplicas piedosas de Gríma, o Rei Théoden ergue sua “velha espada” para desferir o golpe final quando é interrompido por Aragorn, que o impede de realizar sua ação vingadora evocando apenas a idéia de que *“Não vale a pena”*. Estabeleceu-se aí a questão fundamental: Aragorn apiedou-se de Gríma, um de seus maiores inimigos e permitiu que ele partisse. Por quê? Por que Aragorn fez isso? Gríma é vil e egoísta. Que tipo de homem é Aragorn que permite a fuga de alguém como Gríma? Nada de bom podia vir daí. Talvez devesse o próprio Aragorn ter pego sua espada e, diante do vingativo Rei, bradar com determinação *“Não suje suas mãos com este verme, Rei Theoden!”* ceifando em seguida, ele próprio, a vida do asqueroso vilão.

Bem, nenhum dos heróis de “O Senhor dos Anéis” realiza esses atos. Professor [Tolkien](#) não permitiu. Tanto ele quanto [Peter Jackson](#) acreditam que heróis não devem matar indiscriminadamente. Aragorn é um homem humilde, verdadeiro e, acima de tudo, alguém relutante diante do futuro que o aguarda. Aragorn é exatamente igual a muitos jovens que assistiram aos filmes ou leram os livros. Por essa razão acredito que Aragorn nos inspira e nos conduz a um novo modo de pensar o herói.

Os clássicos heróis dos *comics* americanos revelam-se, cada vez mais, como heróis ocios e excessivamente violentos, que só são tidos como heróicos porque assim são apresentados. Tratam-se de meros protagonistas produzidos como reflexos de uma sociedade cada vez mais sem esperança, que não consegue mais crer em valores antes fundamentais como amizade, altruísmo e perdão. Tais “heróis” não precisam pensar em como salvar seus inimigos de suas próprias escolhas. Para eles basta apenas fatar ou metralhar seus rivais e tudo está resolvido. Sem consciência. Sem retorno. E de preferência sem remorso. Entendo assim porque Aragorn não matou Gríma. Ele nos convenceu neste, e em inúmeros outros gestos, que ele é um herói, que sua luta é justa e por isso torcemos por ele.

Talvez seja preciso lembrar do que fora esquecido. Lembrar que um herói é feito de suas escolhas e que isso é maior do que qualquer poder. A ação de um herói não pode ser prática, pois somente os covardes e os assassinos são práticos. Tudo é uma questão de qual tipo de história se quer contar e, a meu ver, Tolkien fez um ótimo trabalho. Já as demais histórias com heróis de atos duvidosos e perfil unidimensional em nada me agradam. A vida já é suficientemente bárbara e cruel para que eu reserve horas de minha semana exercitando meu lado mais primitivo e do qual nada me orgulho. Prefiro, mais uma vez, optar pelo sonho fantástico, mas ainda assim verdadeiramente heróico.

Concordo mais uma vez com Aragorn e me despeço com suas simples e verdadeiras palavras: "*Não vale a pena!*".

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

Aragorn rumo ao seu destino como Rei dos homens em uma imagem promocional *de*

"O Senhor dos Anéis e o Retorno do Rei" (2003)

sobre o(a) autor(a):

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ; professor de História e Geografia no Ensino Médio; autor de [mangás nacionais](#).